

Índice

Introdução	9
As Lágrimas do Corsário Negro	15
A Agnição: Apontamentos para Uma Tipologia do Reconhecimento	27
Eugène Sue: O Socialismo e a Consolação	35
<i>A Irmandade do Beato Paoli</i> e a Ideologia do Romance «Popular»	71
Ascensão e Queda do Super-Homem	91
Pitigrilli: O Homem Que Fez Corar a Mamã	113
As Estruturas Narrativas na Obra de Fleming	143



Introdução

Este livro inclui uma série de estudos escritos em diversas ocasiões e é dominado por uma única ideia-chave. De resto, esta ideia não é minha, mas de Gramsci. Para um livro que se ocupa da construção da narrativa, ou antes do romance dito «popular», esta é provavelmente uma solução ideal: de facto, ele reflete na sua estrutura as características principais do próprio objeto — se partirmos do princípio de que se elaboram nos produtos de comunicação de massas lugares-comuns já conhecidos pelo utente e de forma iterativa. Aliás, estas noções já eu as desenvolvi em vários pontos do meu ensaio *Apocalípticos e Integrados* (Bompiani, 1964)¹.

A ideia-chave, que também justifica o título, é a seguinte: «Parece-me que se pode afirmar que muita da pretensa “super-humanidade” nietzschiana tem apenas, como origem e modelo doutrinal, não Zaratustra, mas o *Conde de Monte Cristo* de A. Dumas» (A. Gramsci, *Letteratura e vita nazionale*, III, «Letteratura popolare»). A este propósito, Gramsci ainda acrescenta: «Talvez o super-homem popular dumasiano deva ser verdadeiramente considerado como uma reação democrática à conceção de origem feudal do racismo, a juntar à exaltação do “galicismo” feita nos romances de Eugène Sue.»

A segunda frase é menos clara que a primeira: não se compreende se a exaltação do galicismo feita por Sue se deve aliar à conceção feudal do racismo ou à reação democrática de Dumas. Ambas as interpretações dariam origem a uma proposição verdadeira e simul-

¹ Lisboa, Relógio D'Água, 2015.

taneamente falsa: quando Sue exalta o galicismo (em *Os Mistérios do Povo*), fá-lo numa perspectiva «democrática», mas quando constrói o primeiro modelo de super-homem (em *Os Mistérios de Paris*: e é Sue quem fornece o modelo do super-homem a Dumas), fá-lo numa perspectiva fatalmente «reformista»; a este destino não escapa nenhum super-homem popular, nem sequer os de Dumas, como tento demonstrar nos ensaios que se seguem.

Esta razão torna-se por demais suficiente para que as vicissitudes do super-homem «de massas» (isto é, criado como um modelo para uma massa de leitores e construído em função da nova fórmula comercial fixada no romance-folhetim) sejam consideradas uma história contraditória, em que diversos fatores, como questões ideológicas, a lógica das estruturas narrativas e a dialética do mercado editorial, se entrelaçam num nó ideológico difícil de destrinçar. Ao elogiar o super-homem do romance-folhetim, Gramsci lançava aparentemente uma seta contra o super-homem de Nietzsche; hoje, num clima marcado pela releitura mais apurada deste autor, procederemos com mais cautela. Também Gramsci é mais cuidadoso do que nos poderá parecer: fala do nietzschianismo dos gatos-pingados, predominante durante o seu tempo, e diz clara e polemicamente (a esses gatos-pingados): o vosso super-homem não vem de Zaratustra, mas de Edmond Dantès. E se pensarmos em Mussolini, divulgador do super-homem nietzschiano, ao mesmo tempo autor de romances-folhetins (ainda está por escrever uma análise das fontes de *Claudia Particella, l'amante del cardinale* — que vão da *gothic novel* inglesa ao *feuilleton* francês), vê-se que a hipótese gramsciana acertava no alvo.

Desenvolver a hipótese gramsciana significava investigar os avatares do super-homem de massas, e é isso que procuramos fazer nestes ensaios, de Sue a Salgari ou a Natoli, para acabar nos nossos tempos com um super-homem contado em termos de *spy thriller* — James Bond.

O ensaio dedicado a Pitigrilli aparentemente nada tem a ver com a narrativa-folhetim: os caminhos do super-homem são infinitos. Super-homens garbosos e mundanos são as personagens masculinas dos seus romances, mas igualmente apresentada como subtil figura de um super-homem é a imagem do escritor burguês de espírito cáustico, justiceiro, não de grandes perversidades, mas dos lugares-comuns que Pitigrilli se esforça por personificar. Também ele, descara-

damente para além do bem e do mal, como hoje é confirmado por elementos biográficos recentemente divulgados.

Retomada nos nossos dias, a hipótese gramsciana é desenvolvida nestes ensaios através de métodos narratológicos e semiológicos: analisam-se textos, confrontam-se os artifícios narrativos com sistemas externos de condicionamento de ordem comercial, com universos ideológicos e com estratégias estilísticas, procurando estabelecer uma correlação entre todas estas «séries» através de modelos estruturais homólogos. Não direi que todos os trabalhos aqui publicados constituam exemplos acabados de semiótica narrativa (o único estudo rigoroso em tal sentido é aquele que trata de James Bond). Portanto, parece conveniente afirmar que o instrumento semiótico intervéem apenas quando é necessário.

Estes estudos apresentam-se, assim, como contributos mistos, quer face a uma sociologia da narrativa popular, quer em relação a um estudo da ideologia, expresso sob a forma de história das ideias. Podem ainda ser considerados como contributos para uma investigação sumária em termos de semiótica textual, não obcecada pela exigência de uma formalização (verdadeira ou existente apenas como pretexto) levada a cabo a todo o custo. Por isso, não tenciono polemizar contra as análises textuais que hoje se fazem, mais «computadorizadas» que as aqui apresentadas. Em contrapartida, veja-se o meu artigo «Possible Worlds and Text Pragmatics: *Un drame bien parisien*», onde procuro pôr a nu as estruturas lógicas de um conto, em termos muito menos afetuosos e relaxados do que aqueles que se encontram nos ensaios deste livro.

Não esqueçamos que alguns destes escritos eram prefácios de obras narrativas, e outros, artigos de jornal: desiguais quanto ao nível científico, apenas se harmonizam em conjunto porque, como já referi, giram à volta da mesma ideia e analisam-na sob diversos pontos de vista.

Algumas palavras ainda quanto à sua origem:

«As lágrimas do Corsário Negro» e as notas sobre a agnição apareceram no *Almanacco Bompiani* de 1971, dedicado ao regresso do enredo, com o título *Cent'Anni Dopo* [*Cem Anos Depois*], organizado por mim e por Cesare Sughi. Até àquele momento, sobre o romance-folhetim apenas havia o livrito de Angiola Bianchini. De-

pois saíram várias antologias e outros estudos críticos, e parece-me que a nossa antologia do *Almanacco* influenciou essas soluções posteriores.

«Eugène Sue: o socialismo e a consolação» apareceu como prefácio para a edição italiana de *Os Mistérios de Paris* (Milão, Sugar, 1965). Depois, Lucien Goldmann pediu-me que o reelaborasse para uma publicação bilingue (em inglês e em francês) de um número especial da *Revue Internationale des Sciences Sociales*, dedicado à sociologia da literatura (e logo de seguida traduzido em italiano e publicado como AA.VV., *Sociologia della letteratura*, Roma, Newton-Compton, 1974). Estimulado pelo confronto com Goldmann, escrevi uma introdução, onde discutia a relação dos métodos de uma sociologia literária com as técnicas semióticas: introdução essa que, depois de alguns retoques, também aparece neste livro.

«A Irmandade do Beato Paoli e a ideologia do romance “popular”» foi escrito como introdução para a reedição do romance de Luigi Natoli (Palermo, Flaccovio, 1971) e, com a mesma configuração, foi simultaneamente publicado em *Uomo & cultura*, VI, 11-12, 1973.

«Ascensão e queda do super-homem» reúne uma série de artigos que apareceram em ocasiões diversas no *Espresso*, entre 1966 e 1974.

Assim reunidos, estes escritos foram publicados como *O Super-Homem das Massas* pela Cooperativa Scrittori, na coleção «I Gulliver», 1976. Para a presente edição de bolso juntaram-se-lhes os dois ensaios que se seguem:

«Pitigrilli: o homem que fez corar a mamã» saiu como prefácio para a segunda edição, em volume único, de *Dolicocefala bionda e L'esperimento di Pott* (Milão, Sonzogno, 1976).

«As estruturas narrativas na obra de Fleming» foi publicado pela primeira vez no volume organizado por Oreste del Buono e por mim, *Il caso Bond*, Milão, Bompiani, 1965. Mais tarde traduzido em francês para *Communication 8* (diria que este ensaio, de todos os meus, foi o mais traduzido e o que mais vezes foi inserido em diversas antologias e recolhas — sinal de que o super-homem tem sempre um bom mercado cultural), aparece também na edição italiana deste número único, surgido em volume, com o título *L'analisi del racconto* (Milão, Bompiani, 1969). Peço desculpa aos leitores que já o pos-

suem numa das edições precedentes, mas pareceu-me útil inseri-lo também aqui, para tornar mais completo o panorama.

Com isto não quero dizer que a história do super-homem das massas se deva considerar esgotada. Subsistem inúmeros casos em que ele reaparece. Veja-se, por exemplo, na minha obra *Apocalípticos e Integrados*, o estudo sobre o *Superman* da banda desenhada, estudo que, rigorosamente, deveria ter aparecido nesta recolha. E depois seria interessante ver os novos super-homens cinematográficos e televisivos, feios, belos e maus, inspetores com a sua *Magnum*, cabeças rapadas e boinas verdes. E a aparição (finalmente!) da *Überfrau*, da supermulher, da «Wonder Woman» da banda desenhada, já de antes da guerra, até à recentíssima «Bionic Woman». E os super-homens, (ou super *robots*) da ficção científica..., etc., etc., etc., benemérita fileira de quem Gramsci já havia dito de uma vez por todas: «O romance-folhetim substitui (e fomenta ao mesmo tempo) a imaginação do homem do povo, é um verdadeiro sonhar de olhos abertos [...] longas fantasias sobre a ideia de vingança, de punição dos culpados, responsáveis pelos males sofridos...»

Como a leitura é uma atividade cooperante, observações como a citada só têm validade, obviamente, até determinado ponto; ver-se-á por alguns destes ensaios, como aquele sobre Sue, que, por vezes, o super-homem oferecido para sonhar de olhos abertos também estimulou leituras mais produtivas e até tomadas de consciência da parte dos sonhadores.

Por isso, também a minha leitura do super-homem da literatura de massas deve ser entendida como *uma* das leituras possíveis. Quanto ao resto, tudo depende de onde, como e quando um livro é lido — o que não nos isenta de dizer como nos parece que deva ser lido e como provavelmente foi redigido.